

“Na hora da tua ronda, tu te benze!”: experiências e narrativas sobre os casarões do
Centro Histórico de São Luís¹

Gabriela Lages Gonçalves/UFMA

Abigail Vale Rocha/UFMA

Resumo: Este texto parte do trabalho de campo que temos construído sobre a convivência entre pessoas e seres intangíveis (visagens, assombrações, espíritos etc.) no Centro Histórico de São Luís, capital do Maranhão. No bairro da Praia Grande, onde temos aprofundado relação estreita de pesquisa, encontram-se casarões centenários que marcam a trajetória histórica e social da cidade que recebeu o título de Patrimônio Mundial da Humanidade desde 1997. Com base em minha pesquisa etnográfica para dissertação e investigações em andamento pelo projeto "Casa e Mobilidade no Maranhão: uma pesquisa antropológica", percebemos as relações moldadas entre pessoas e casarões através de histórias de vida, experiências ou narrativas sobre presenças intangíveis que por ora se materializavam através de ações, objetos, superfícies, aparições e outras diversas formas de manifestação. Buscamos refletir aqui sobre a figura do vigilante como um porta-voz de experiências dessa natureza – um conhecedor da dinâmica das “assombrações” do Centro Histórico que conecta casarões, ruas e espíritos através da sua profissão de vigiar prédios antigos. Para tanto, elaboramos a reflexão a partir de três pontos neste texto: a. a figura do vigilante narrador e “solitário”; b. mapeamentos sobre as visagens entre ruas e casarões; c. notas sobre lugares, presenças e emoções. Nesse sentido, consideramos que as vivências dos profissionais da segurança colaboram para um ciclo de narrativas e performances que são constantemente associadas ao Centro Histórico da cidade de São Luís.

Palavras-chave: narrativas; espíritos; cidade.

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

Nos casarões de São Luís

Este texto parte de reflexões coletivas de um projeto de pesquisa que participamos na Universidade Federal do Maranhão chamado “Casa e Mobilidade: uma abordagem antropológica”² vinculado ao Laboratório de Estudos de Antropologia da Política. No intuito de enfatizar as experiências vividas pelas pessoas na cidade de São Luís (mais precisamente no Centro Histórico) e na cidade de Codó (MA), a pesquisa se divide em dois eixos – relações entre humanos e não humanos, e circulação de artefatos e conhecimentos. Neste texto, em particular, reunimos notas sobre a convivência entre pessoas e seres intangíveis nos casarões do Centro Histórico de São Luís.

O Centro Histórico de São Luís possui uma vasta área de construções históricas – cerca de onze bairros distribuídos em 8km² (DUALIBE, 2014), composto por casarões, igrejas, ruas ou monumentos reconhecidos pela riqueza arquitetônica e registros do período colonial no estado do Maranhão. Desde 1997 parte dele recebeu o título de Patrimônio Mundial da Humanidade concedido pela Organização das Nações Unidas Para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Com aproximadamente quatro mil prédios históricos tombados³, o Centro Histórico passa por um momento de notoriedade referente as políticas de ocupação de seus espaços – estabelecimentos sendo trocados de lugar, casarões sendo reformados para novos fins, inserção de novos serviços e restauração dos equipamentos ali presentes – museus, praças, teatros, comércios, prédios públicos ou moradia.

Além da valoração atribuída aos aspectos físicos dos casarões, há também uma construção simbólica sobre eles que envolvem aspectos históricos, manifestações culturais ou religiosas popularmente conhecidas no estado. Assim, se construiu um arcabouço de narrativas sobre espíritos que habitam aquele espaço e se manifestam para as pessoas – aparecem, empurram, gargalham, assustam, dançam, ou são de alguma maneira percebidos pelos humanos. Dessa forma, entendemos os casarões como espaços

² Projeto de pesquisa contemplado no Edital 002/2018 pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA. Coordenado pela professora doutora Martina Ahlert, vinculada ao Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão. Vale ressaltar que durante o mestrado fui bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e atualmente Abigail Rocha é bolsista pelo Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

³ O Centro Histórico possui 1.432 prédios tombados como patrimônio histórico pelo Governo Federal e UNESCO, e cerca de 4.400 são responsabilidade do Governo Estadual. Mais informações na reportagem: “São Luís vira Patrimônio da Humanidade”, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff051215.html>

também habitados por seres intangíveis⁴ que evidenciam relacionamentos entre pessoas, casarões, objetos, memórias, narrativas, ou noções de tempo e espaço (BLANES E ESPÍRITO SANTO, 2014).

Com base em profissionais de vigilância que trabalham no Centro Histórico, nosso objetivo é compartilhar parte do campo em andamento com intuito de analisar a convivência entre casas, pessoas e espíritos. Para tanto, organizamos nossas considerações em três momentos: inicialmente vamos analisar a figura do vigilante na dinâmica do Centro Histórico, pois o compreendemos como um ‘transportador’ de experiências, ou seja, um difusor de narrativas sobre os seres intangíveis que vivem nos casarões. Em segundo lugar, pretendemos explorar as possibilidades de mapeamento dos casarões e experiências com seres intangíveis, buscando valorizar as referências espaciais indicadas pelos nossos interlocutores que falam de casarões específicos, ruas e becos como especialmente propícios ou constantes nas considerações sobre as manifestações de entidades. Nosso objetivo geral é discutir sobre a participação de narrativas/experiências com seres intangíveis na vida cotidiana dos profissionais de vigilância que trabalham no Centro Histórico, na medida em que vigilantes são acervo de narrativas e/ou transportadores de narrativas que são alimentadas quando esses profissionais se movimentam.

Ruas, Visagens e Movimentos

A vigilância na maioria dos casarões do Centro Histórico é vinte e quatro horas, – normalmente dois ou quatro vigilantes revezam turnos de doze horas de trabalho. Devido aos contratos entre o Estado e empresas privadas selecionadas por licitações, alguns profissionais são trocados de posto com frequência, fator que contribui na circulação de narrativas sobre suas próprias vivências e de outros.

É bastante comum a recepção de novos vigilantes nos casarões ser recheada de avisos em forma de pequenas histórias – vozes que vem do poço, vultos próximo as escadas e outras formas de manifestações eram comumente um alerta dos mais antigos para os recém-chegados. “*Na hora que tu for fazer tua ronda, tu te benze*” foi um dos

⁴ Entendemos a ideia de *intangible beings* proposta por Blanes e Espírito Santo (2014) como seres que se manifestam em diferentes contextos (quartos, rios, florestas, espaços religiosos) com a capacidade de proporcionar experiências particulares aos sujeitos. No Centro Histórico há uma diversidade de nomenclaturas para se referir aos seres intangíveis – assombrações, espíritos, visagens, demônios e entre outros, porém, neste texto utilizaremos as palavras visagem ou espíritos, mais recorrentes em nosso campo.

conselhos dados a Seu Chico, vigilante de um museu conhecido como Casa da Festa, que abriga um acervo de raridades das religiões de matriz africana no Maranhão, para lidar com as gargalhadas e demais vozes vindas do acervo. Assim, a vigilância no Centro Histórico é tida como um lugar que possui a especificidade de entrar em contato com narrativas ou ter experiências que envolvem presenças de seres intangíveis – assombrações, espíritos, visagens, entidades e entre outras denominações.

Entre as histórias mais recorrentes em campo, destacamos a narrativa que é quase como um cartão de visitas quando perguntamos sobre vigiar casarões. O cenário foi o Museu de Artes Visuais, local de trabalho de Seu Eduardo, localizado na Rua Portugal. Contam que na década de noventa, um vigilante noturno recém-chegado iniciara seu turno no Museu de Artes Visuais e se deparou com a aparição de um espírito, assustado o funcionário saiu correndo pelas ruas pedindo “*Socorro*”. Alguns vigilantes contam que era um espírito de mulher negra, outros já descreviam como um homem negro, de forma que a história é acrescentada de informações, expressões faciais ou performances a depender do narrador.

Na Rua Portugal, onde se encontra o museu, também circularam histórias sobre presenças intangíveis ao decorrer dos anos. A rua que fora utilizada como porta de entrada de veículos para descarregamento de mercadorias na cidade, já foi abrigo de lojas de ferragens, oficinas mecânicas e ruínas (ANDRÉS, 2006). Passou por transformações em sua estrutura de fiação elétrica e saneamento, atualmente sua paisagem visual pode dar notoriedade aos casarões que ali estão. Com edificações de destaque no quesito azulejaria, hoje é repleta de equipamentos culturais, lojas, comércios e instituições públicas. Conta-se que no começo dos anos 2000 era comum os vigias⁵ assistirem uma mulher loira vestida de branco aparecer na extremidade esquerda da rua (direção do mar). Os antigos vigias costumavam se reunir na fronteira com a Rua da Estrela, para jogar dominó, conversar e quase sempre tomar café. Antes da vigilância de casarões públicos ser feita por empresas terceirizadas, o estado contratava os vigias – alguns rodavam de bicicletas pelas ruas, outros trabalhavam em prédios fixos apenas durante a noite. Com frequência os vigias de casarões vizinhos se reuniam num local (praças ou ruas) onde pudessem conversar e “vigiar a casa da rua”. A aparição da mulher de branco da Rua Portugal se

⁵ A diferença entre vigias e vigilantes, segundo interlocutores, consiste no curso de vigilância oferecido pelas empresas de segurança – onde aprendem legislações, usos de instrumentos e armas para guardar patrimônios. Assim, diferente dos vigias que tinham como função apenas observar e acionar autoridades caso alguma depredação fosse detectada, os vigilantes estão aptos a intervir caso necessitem.

dava durante essas madrugadas, em que os vigias a observavam caminhar na direção deles – mas quando ela chegava no meio da rua simplesmente sumia.



Figura 1. Museu de Artes Visuais e antiga Secretaria de Cultura e Turismo (Fonte⁶: Turismo Maranhão)

Na mesma rua e proximidades do Museu de Artes Visuais está localizada a antiga Secretaria de Cultura e Turismo, descrito por vigilantes como um lugar difícil de pegar no sono. Durante a noite, mesmo com o esvaziamento de funcionários, ouvia-se vozes, movimentação de passos, objetos, ou ações – descargas dos sanitários sendo acionadas ou bater de portas e janelas. Conta-se que na sala em que os vigilantes normalmente descansavam ou tiravam um cochilo durante seus turnos, havia um sofá preto. Seu Daniel ouvia de seus colegas que todo mundo que deitava para dormir no sofá acordava sem roupas. Incrédulo, um dia bastante cansado resolveu “tirar um cochilo” no sofá, dormiu um sono pesado e foi surpreendido quando se viu acordar completamente despido. Seus colegas, contavam que se tratava de uma *pomba gira*, entidade conhecida nas religiões de matriz africana, que era proprietária do sofá e despia quem deitasse nele.

O conjunto de narrativas aqui apresentadas reúne idas a campo entre 2017 e 2018 feitas especificamente com vigilantes de casarões. São histórias que mesmo tendo acontecido há mais de dez anos, são insistentemente revividas ao serem narradas novamente. Podemos pensar a partir das experiências recontadas que seres intangíveis se

⁶Imagem encontrada no link: <http://www.turismo.ma.gov.br/o-que-fazer-em-sao-luis-do-maranhao/>.

movimentam num tempo não linear ao mesmo tempo em que são permanentes nos lugares que um dia se manifestaram. Num processo de narrativização, como aponta Vânia Cardoso (2007), as vivências com entidades estão presentes nos momentos cotidianos através de estórias:

Aqui, a *narrativização* não se refere a um mundo a ser revelado pela interpretação do que é contado, não expressa apenas uma prática, mas constitui a própria prática por ela significada. Esta prática narrativa, na qual estórias são contadas de maneira dispersa e fragmentada, abre um espaço interpretativo no qual os sujeitos da experiência — tanto "espírito" quanto "macumbeiro" — são engendrados através do próprio ato narrativo (CARDOSO, 2007, p.318).

Dessa maneira, as histórias que circulam junto com os vigilantes ao decorrer do tempo e espaços percorridos por eles, podem ter sido vividas pelo narrador ou não – mas têm a capacidade de circular entre os casarões. O vigilante que saiu gritando por “Socorro” ao ver um espírito não é conhecido de nenhum dos nossos interlocutores, porém, a experiência narrativizada é repassada dos profissionais da vigilância para outras pessoas (funcionários de instituições, vendedores ambulantes, estudantes, pesquisadores etc.). Da mesma forma, a mulher loira da Rua Portugal ou o sofá preto da Secretaria de Cultura e Turismo compõem um acervo de narrativas que são alimentadas a partir da circulação de pessoas e a figura do vigilante faz-se um acervo de experiências que podem ter sido vividas ou ouvidas. Alguns casarões são descritos como lugares “mais pesados” em que é possível sentir de forma mais evidente as presenças que ali habitam – entre eles, está o Cafú das Mercês, um pequeno sobrado de dois compartimentos que abriga um museu das heranças africanas relacionadas a arte e religiosidade. As manifestações sentidas por funcionários do local são facilmente relacionadas com as duas teorias sobre o que fora o museu anteriormente – um depósito de escravos recém desembarcados ou um local de castigos de noviços que desobedeciam as regras do Convento das Mercês (MARANHÃO, 2014).

Nesse sentido, ao pensarmos numa rua densamente habitada por seres humanos e não humanos (objetos, espíritos, instituições) e nos narradores que fazem uma “movimentação de visagens” pelo espaço/tempo, podem ser acionadas as considerações de Ruy Blanes e Diana Espírito Santo (2014) sobre mundos que contemplam diferentes formas de sociabilidades. Os autores concentram investigações que focam nos impactos causados pela relação do humano com entidades através do sentir, ver, ouvir, tocar que torna palpável determinadas experiências para as pessoas. Indo contra um racionalismo científico que dita realidades, propõem analisar eventos que envolvem entidades não

humanas junto a não linearidade de narrativas, mas sim considerando a combinação de diferentes temporalidades que podem coexistir – memória, consciência, projeção e expectativas (BLANES E ESPÍRITO SANTO, 2014).

O vigilante narrador

Haviam duas pessoas no balcão do Museu de Artes Visuais, localizado na Rua Portugal no Centro Histórico. Um homem negro e forte trajando uma farda de vigilante azul bem escuro e duas mulheres. Nós olhávamos, do lado de fora do museu, o vigilante que parecia “cara fechada” e conjecturávamos como poderíamos abordá-lo para uma conversa conosco. Nos aproximamos do balcão de entrada indo em sua direção, conversamos sobre nosso projeto de pesquisa e nossos interesses vinculados à universidade. Para nossa surpresa, em poucos segundos, já podíamos sentir uma abertura por parte de Seu Eduardo.

Há cinco anos vigiando o museu e na carreira de vigilante há dez anos, Seu Eduardo explicou que o prédio permaneceu fechado durante quatro anos para a reforma, ele permaneceu lá todo esse tempo “vigiando sozinho”. O Museu de Artes Visuais foi seu primeiro casarão no Centro Histórico da cidade, assim como muitos vigilantes, em seus primeiros dias foi situado por outros funcionários sobre as vozes e aparições no prédio. Em turnos solitários, contou-nos que durante a reforma se dedicou a observar o cotidiano da Rua Portugal pela janela do segundo pavimento do prédio. Nos explicou sobre a sazonalidade do movimento de pessoas que assistia cotidianamente – às segundas e terças a rua é quase vazia com movimento apenas das lojas e comércios que fecham no começo da noite; a partir da quarta-feira começava timidamente uma maior circulação de pessoas; nas quintas e sextas podia-se assistir a rua ocupada por *turistas e bêbados* a procura de bares ou festas; por fim, destacou que o período de festas juninas movimenta a rua de segunda à segunda por conta das manifestações culturais que ali se apresentam.

Seu Eduardo se mostrou um excelente contador de histórias sobre a profissão de vigilante – “*Um dia, vou escrever um livro só sobre histórias de vigilante!*”, exclamara enquanto começou a nos contar algumas delas. Nos fez uma fala um pouco longa que reunia experiências de seus colegas vigilantes indo “tirar folga”⁷ em lugares desconhecidos em que se depararam com manifestações de espíritos. No final das

⁷ Prática comum entre funcionários da mesma empresa, que consiste na substituição de vigilantes em diferentes postos de trabalho, podendo substituir um turno ou por um período de férias.

histórias, amarrou um comentário sobre a necessidade de saber onde está vigiando, afirmando ser essencial para sua proteção conhecer o funcionamento do local de trabalho.

No museu, o vigilante nos contou sobre as constantes pisadas que ouve no chão e pelas escadas. Acompanhando elas, estão os bateres de portas e janelas pelo casarão. Brincou que às vezes pensa estar num conhecido filme “Uma noite no museu”, em que um homem permanece num museu fechado e durante a noite objetos e personagens criam vida. O contato com essas presenças só se deu quando foi trabalhar no Centro Histórico, e como estratégia, quando ouve/sente alguma coisa escolhe não ir atrás delas.



Figura 2. Museu de Artes Visuais (Imagem: agência de notícias do governo do Maranhão⁸)

O vigilante pode ver uma aparição em uma noite bastante chuvosa quando o casarão ainda estava em reforma. Como de costume, estava sozinho na casa e foi fechar as portas e janelas do fundo. Parou um instante, descreveu aquela chuva como algo tão bonito, que resolveu contemplar a beleza das gotas caindo enquanto olhava em direção a um poste de luz. Foi tomado por um arrepio em todo o corpo quando viu uma mulher⁹

⁸ Disponível no site: <https://www.ma.gov.br/agenciadenoticias/?p=259139>.

⁹ Há um constructo de histórias que envolvem a presença de espíritos de mulheres no Centro Histórico. Entre elas, a mais popularmente conhecida é a história de Ana Jansen, latifundiária que tornou-se lenda por

encoberta por um manto. Observando com mais cuidado, entendeu que ou se tratava de uma visagem, ou foi o efeito de luz através das folhas de uma palmeira que balançavam suavemente que acabava refletindo na iluminação do poste.

A profissão de vigilante nos casarões do Centro Histórico é tida como uma experiência diferenciada de outras localidades devido as narrativas e vivências desses profissionais com espíritos. Encarregados da guarda dos patrimônios presentes nas casas antigas, os vigilantes comumente apresentam uma expressão facial séria e silenciosa. Alguns são conhecidos pela abertura risonha e podem ser vistos nas portas dos casarões conversando com os diversos passageiros da rua. O ponto é que o vigilante independente da casca que aparenta se constitui como um narrador oficial sobre as presenças que habitam as casas, da mesma forma, são simultaneamente acervo e transportadores de narrativas.

As histórias e experiências contadas por Seu Eduardo podem ser lidas numa perspectiva de performance que considera palavras como ações. Nesse sentido, as considerações de John Austin (1990) sobre os atos de fala são interessantes na medida em que ultrapassa os caracteres dos códigos de linguagem e oferecem a capacidade de agir na vida das pessoas. Assim, falar é uma forma de fazer algo – as declarações de consentimento em casamentos, batizados ou apostas são exemplos maiores de atos performativos orais e escritos como um caráter de ação – da mesma forma, se constrói um acervo de narrativas que provocam sensações/expectativas que afetam as pessoas que escutam de alguma forma. As narrativas contadas por vigilantes participam do cotidiano das pessoas que convivem com eles, assim como são movimentadas junto deles – como fizera Seu Eduardo ao nos contar histórias de conhecidos.

Portanto, o vigilante se faz como um transportador de narrativas sobre os seres intangíveis, um portador chave de vivências – vive, conta, interage e movimenta narrativas sobre visagens que sente, vê ou ouve. Sendo assim, pode-se pensar em dois pontos sobre as experiências dos vigilantes – a forma como se constroem enquanto narradores e a maneira como narrativas causam efeitos¹⁰ na dinâmica desses funcionários. Walter Benjamin (1987) escreve sobre a figura do sujeito narrador como alguém que está

seus maus tratos a escravos no Maranhão oitocentista. Em outro momento, pude analisar as manifestações sentidas no Museu Histórico e Artístico do Maranhão sobre a baronesa de Grajaú, mulher da aristocracia no século XIX conhecida por assassinar duas crianças escravas, com foco nos efeitos desse acontecimento histórico nas sensações vividas cotidianamente pelos vigilantes dos museus (GONÇALVES, 2019).

¹⁰ Nos referimos as expectativas causadas pelas narrativas e nos efeitos causados quando os vigilantes encontram seres intangíveis – se benzer, fazer uma oração/reza, levar um rádio para que não ouça os barulhos, são algumas das reações para lidar com as presenças.

apto a dar conselhos de forma sábia – “Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria existência, mas em grande parte a experiência alheia” (BENJAMIN 1987, p.221). No caso dos vigilantes, há um movimento de orientação entre os que possuem mais experiência nos casarões e os recém-chegados, no sentido de contar sobre as coisas que vivenciou ou que ouviu sobre casarões. Seu Eduardo, munido de suas construções sobre os casarões, observou uma visagem de uma mulher – narrativa comum entre as ruas do Centro Histórico da cidade.

Considerações Finais

Este texto buscou refletir sobre as formas de convivência entre pessoas e espíritos nos casarões do Centro Histórico de São Luís. Buscamos mostrar aspectos que evidenciam uma pluralidade de experiências subjetivas que se desdobram na vida social do local – narrativas, vivências, fatos históricos são misturados num ciclo que se alimenta cotidianamente por aqueles que convivem com os prédios antigos. Dessa forma, na medida em que as pessoas contam um ocorrido num casarão para nós, estão em alguma medida revivendo o evento – rememorando¹¹ as situações, reelaborando para si mesmas a forma como lidaram com aquela experiência.

Além disso, as narrativas despertam sentimentos e expectativas como medo ou curiosidade, mas ao serem recontadas são frequentemente colocadas com humor ou brincadeiras. Isto é, são vivências subjetivas e particulares que são incorporadas por cada pessoa de formas diferentes, podendo ser ressignificadas no momento em que são narradas. Assim, independentemente de ter vivido uma experiência com seres intangíveis ou não, argumentamos que a figura do vigilante de casarões se constitui por meio de narrativas – são acervo e transporte delas. Na medida em que estes profissionais são tidos como guardadores de histórias, são também transportadores – são conviventes com casarões por excelência e tem sua dinâmica de trabalho afetada por manifestações de agências não humanas.

¹¹ Não é incomum interlocutores sentirem arrepios ao recontarem uma experiência, ou começarem a contar e se sentirem incomodados com aquele assunto.

BIBLIOGRAFIA

ANDRÉS, Luiz Phelipe de Carvalho Castro. **Reabilitação do Centro Histórico de São Luís**: revisão crítica do Programa de Preservação e Revitalização do Centro Histórico de São Luís. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano. Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1990. 136p.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas vol.1. 3ªed. São Paulo: Editora brasiliense. 1987. p.197-221.

BLANES, Ruy. ESPÍRITO SANTO, Diana. Introduction: on the agency of intangible. In: BLANES, Ruy. ESPÍRITO SANTO, Diana. (orgs.). **The Social Life of Spirits**. Chicago and London: The University of Chicago Press. 2014. p.01-32.

CARDOSO, Vânia Zikán. Narrar o mundo: estórias do "povo da rua" e a narração do imprevisível. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 317-345. Out. 2007.

DUALIBE, Nayala Nunes. **Etnografia das polifonias do Centro Histórico de São Luís**. Dissertação de mestrado: Universidade Federal do Goiás, Faculdade de Ciências Sociais, 2014. 134f.

GONÇALVES, Gabriela Lages. **Quem vigia o casarão?** Uma análise sobre a convivência entre vigilantes e seres intangíveis no Centro Histórico de São Luís / Gabriela Lages Gonçalves. - 2019. 103 p.

MARANHÃO, Secretaria de Estado da Cultura. **Museu Histórico e Artístico do Maranhão**: intervenções estruturais e história institucional. São Luís, 2014.

ROCHA, Abigail Vale. Relatório de pesquisa: **Paisagens, seres e habitação em São Luís** (MARANHÃO), Maranhão. 2020.